

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal da Tarde

Class.: 801

Data: 14.10.83

Pg.: \_\_\_\_\_

# O fenômeno Juruna

190  
Advirto o leitor que este artigo está fora do nosso estilo. Vai sair desafinado. O tema é ambíguo. Pode-se em tom jocoso tratar de coisas sérias. Algumas coisas sérias ficam jocosas, quando tratadas a sério. Mas que estilo usar para coisas ambíguas? Coisas jocosas tratadas a sério ficam sérias ou jocosas? Como olhar o fenômeno Juruna?

Juruna está-se destacando entre os homens brasileiros. É um fato inegável, intrigante, merecedor das mais profundas indagações etnológicas, psicanalistas, culturais e até mesmo metafísicas.

A continuar as coisas como vão, se chegarmos a eleições diretas, entre Maluf e Andreazza ele poderá ser o *tertius* da opção popular. E por que não? Quem é capaz de afirmar que o que aí está — seja como povo ou elite — é melhor que Juruna? Ou, se se quiser encarar sob outro ângulo, se depois de toda a degeneração civilizatória em que mergulhamos não seria salutar uma volta às origens em busca dos valores humanos elementares que perdemos? A franqueza, a verdade, a coragem são imprescindíveis e valiosas em todas as épocas; a civilização, sem elas, é um ouropel. O povo prefere um homem de verdade, seja ele um índio, a um civilizado de mentira. Nisto não há diferença entre uma tribo e uma nação. E quem foi que disse que ultrapassamos na política — e demais setores — a fase tribal?

Toda a questão consiste em se saber se Juruna é esse homem ou se são tantos os homens de mentira no País que sua figura se engrandece pela pequenez e baixaza dos demais.

Embora pareça absurdo, estamos falando a sério. Juruna, o "aculturado", como se passou a discriminá-lo, contrariamente ao espírito e letra da Lei Arinos, saiu vencedor de todos os confrontos que teve com os "civilizados". E não saiu de gatinhas, mas "deu a volta por cima", confundindo com sua perspicácia, correção e propriedade de atitudes os que tentaram embarcá-lo com molecagens ou casuísmos ultracivilizados. Em vários episódios deu lições de civilidade a pseudocivilizados. No último episódio embrulhou todos os ministros em um único pacote, tanto na entrada, como na saída. E, se como "aculturado" prontificou-se a assinar os papéis de declaração que colocaram à

Azambuja Leal

sua frente, como índio reteve sua liberdade fundamental de homem, lembrando algumas verdades que são consenso de todas as eras: "Vive-se para morrer, para falar e para xingar". "O jeito de fazer calar é arrancar a língua." — E ponto final.

Quem não está de acordo com isso? Quem não considera a verdade um valor superior ao decoro? Quem não acha que falar e xingar faz parte não apenas dos direitos fundamentais do cidadão, mas dos deveres elementares do homem? Quem não sente que no momento brasileiro a carência maior é da fala e do xingo? Da fala que fale a verdade e do xingo que eleve o protesto a níveis de audição dos que se recusam a escutar?

Possivelmente ainda restam no Brasil outros varões além de Juruna. Ainda não chegamos, quiçá, à penúria de precisarmos recorrer a Evitas ou Thatchers. É uma hipótese. O fato inegável é que no cenário público Juruna tem subido aos ombros dos que se põem à sua frente. Os "bocas-moles" e os "bocas-falsas" vêm sendo deixados para trás. E, afinal, se a culpa de tudo o que acontece (como sapientemente nos advertiu quem tem obrigação de saber o que fala) é de Pedro Álvares Cabral, por que não tentar um retorno com o "bom selvagem" rousseauniano? Se alguém duvida da capacitação cultural de Juruna, basta confrontar o que ele tem dito com o que se tem ouvido de "civilizados" colocados nos mais altos postos. O nível de civilização do cacique é bem mais alto do que o dos demais caciques desta república tupiniquim — para nada se falar do nível de moralidade.

Juruna sai de uma tribo, é verdade. Mas de onde vieram algumas das mais altas figuras da política na história mundial quando os "civilizados" desceram abaixo da condição humana "natural"? E, se isso parece excessivo, de onde veio a maioria dos grandes figurões da hora presente?

Verdade? Ou mentira? Tomara Juruna não seja um "fajuto" como outros politiqueros que já fizeram furor no cenário político brasileiro para se revelarem os "vira-bostas" e frutos do mar que na verdade eram.

Assim se poderá retomar a História antes de 1500 e refazer os erros praticados de Pedro Álvares Cabral aos dias de hoje.